



## PELOS MEANDROS DA HAKITÍA

## BY THE INTRIGUES OF HAKITIA

Álvaro Cunha<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo aborda, de forma simples, o processo histórico da língua hakitía, idioma judaico-românico ainda falado no Canadá, Estados Unidos, Venezuela, Brasil, Argentina, Espanha, França, Marrocos e Israel por judeus sefarditas. Nele, adota-se o método estruturalista de pesquisa, pois envolve as principais abordagens do que é; por que; quando; onde e quem fala a hakitía. Há também a contextualização diacrônica dos hakítico-falantes voltando-se à sua origem na Espanha — com a expulsão dos judeus em 1492 — a suas rotas lingüísticas. Como está supracitado, o artigo tem como base pressupostos gerais do estruturalismo saussuriano. As fontes de pesquisa para a compilação do artigo foram retiradas de raras obras sobre hakitía que existem escritas em português; pelo autor, que fala a língua; e com a colaboração da comunidade judaica paraense. O trabalho mostra ainda um excerto de carta e alguns ditos populares da hakitía. Há uma parte do artigo destinada ao uso do idioma como fator de identidade cultural e falar de ocultação entre outros fatores antropológicos e etnológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hakitía, Sefarditas, Lingüística, língua judaica.

**ABSTRACT:** This article speak, of simple form, about historical process of the hakitía, language Judeo-Moroccan still said in Canada, United States, Venezuela, Brazil, Argentina, Spain, France, Morocco and Israel for sefarditas Jews. In it structuralism method of research is adopted, therefore it involves the main boarding of that it is; why; when; where and who says the hakitía. Its origin in Spain also has the diachronic contextualization of the hakítico-falantes turning itself it — with the expulsion of the Jews in 1492 — its linguistic routes. As he is above mentioned, the article has as estimated general Saussure's structuralism. The sources of research for compilation of the article had been removed of rare workmanships on hakitía that exist written in Portuguese; for the author, who says the language; e with the contribution of the paraense Jewish community. The work still shows to an excerpt of letter and some said popular of the hakitía. It has a part article destined to the use of language as factor of cultural identity and to say of occultation anthropologic and ethnologic factors among others.

**KEY WORDS:** Hakitía, Sephardim, Linguistics, Jewish language.

### Introdução

---

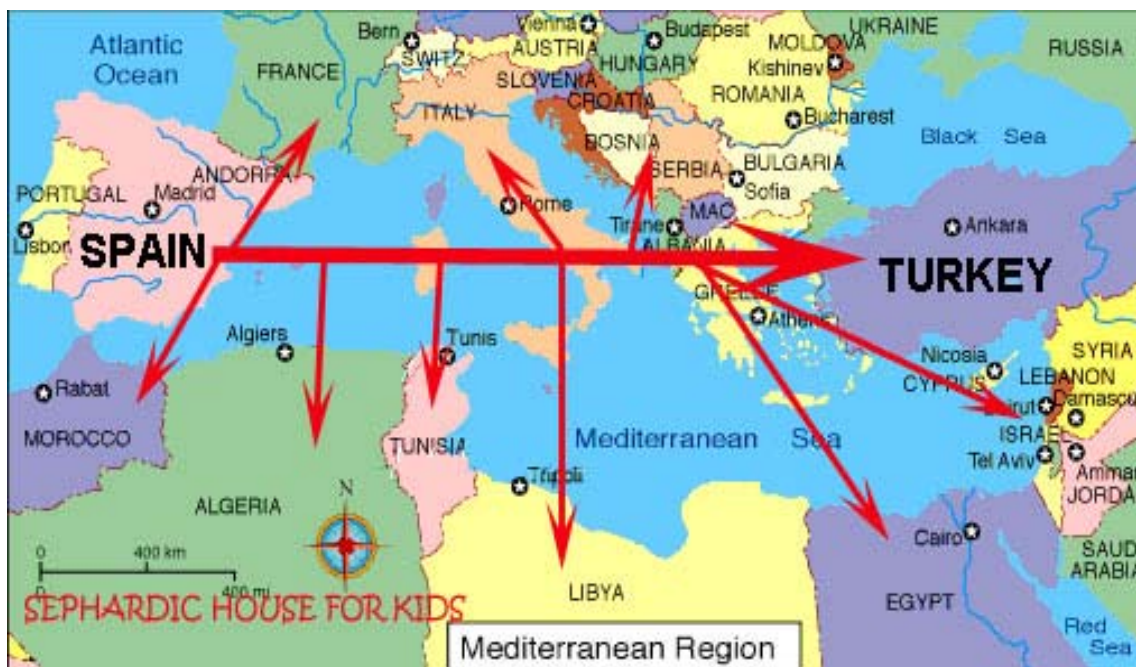
<sup>1</sup> Aluno do Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo – USP. E-mail: [cunha.alvaro@hotmail.com](mailto:cunha.alvaro@hotmail.com)



Para os ascendentes dos *sefardim* — judeus da Península Ibérica — o dia 9 de Av<sup>2</sup> de 5252 é concebido como o desditoso ano, i.e., *personae non gratae* e acontecimentos afligiram os israelitas da região supramencionada como, por exemplo, Isabel e Fernando<sup>2</sup>; Torquemada<sup>3</sup>; Inquisição<sup>4</sup> e Expulsão.

Muitos foram assassinados e suas propriedades usurpadas mesmo antes de dizerem adeus, outros dissiparam-se da Espanha e se precipitaram mundo afora rumando para longe da Península Ibérica. A Inquisição tornou-se famosa em razão da sangria, queimações em praças públicas e torturas. Sob a égide do IV Concílio de Latrão, em 1215, esteve em intenso exercício até a primeira metade do século XIX, sendo mais inflexível na Espanha e em Portugal.

Com um sistema lingüístico recém-nascido, o cadinho de Jacó foi-se em direções diversas, e na intuição levavam consigo a promessa de que os que semeiam em lágrimas ceifarão com alegria, e aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo a recompensa.



<sup>2</sup> Av é o 11º mês judaico e corresponde, aproximadamente, ao dia 9 dos meses julho-agosto do calendário cristão.

<sup>2</sup> Isabel de Castela e Fernando de Aragão foram os reis que expulsaram os judeus da Espanha em 1492.

<sup>3</sup> Frade dominicano que difundia a necessidade de que a Espanha contasse apenas com sangue puramente cristão.

<sup>4</sup> Tribunal eclesiástico conhecido como “Santo Ofício”, perseguiu judeus, muçulmanos e irreligiosos.



## MAPA 1: Diáspora dos falantes da hakitía e do ladino

Aos *sefardim* que emigraram para a Turquia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Grécia, Israel, França e regiões circunvizinhas, a língua usual foi o ladino; já os que emigraram para o norte da África, a língua ficou conhecida como hakitía.

Deve-se discernir ladino de hakitía. Apesar de ambas terem a mesma origem — castelhano — o ladino é basicamente o idioma de Castela do século XV, recheada de palavras turcas, italianas, gregas, francesas, hebraicas entre outras, mas com a idiosincrasia fonético-fonológica e morfossintática Ibérica. A hakitía não é diferente, porém sua lexicologia é mais camito-semítica do que indo-européia. Só para exemplificar 40% do vocabulário é árabe.

Resumindo, hakitía e ladino tem sua gênese em terras dos vizinhos e contemporâneos Miguel de Cervantes e Luís de Camões. Os hakítico-falantes desceram para o norte africano, mantendo intenso contato com os povos de fala árabe; já os ladino-falantes tiveram mais aproximação com os turcos, gregos, italianos e proficientes noutros falares suprademonstradas no mapa.

Hakítico-falantes entendem o que ladino-falantes querem dizer, mas o contrário não é verdadeiro. Fato idêntico ocorre quando conversamos com os hispano-falantes, entendemo-los, mas eles têm maior grau de dificuldade em nos compreender.

### 1. O que é a hakitía?

Derivada da família indo-européia, originária na Península Ibérica com o êxodo dos judeus da “Hispania Medieval” é a língua dos judeus expatriados pelos reis cristãos Isabel e Fernando em 1492.

A hakitía é mais oral que escrita, fala-se com maior frequência do que se escreve; há irrisórios documentos oficiais e religiosos, contudo o número de missivas familiares é relativamente significativo. Não se chegou a um consenso, a fim de definir se deve grafar a hakitía em caracteres latinos ou hebraicos. Os hakítico-falantes nunca se importaram em estabelecer um alfabeto para a língua; na mesma esteira caminha o romani, fala cigana, que não possui caracteres definidos para a grafia.



Bentes (1981: 71), sugere a origem do nome *hakitia*:

A palavra *hakitia* poderia ter sido formada de raiz árabe e terminação castelhana; o que é tanto mais provável quanto que na mesma *Hakitia* figura não raras vezes a voz *Hekaia* ou *Hekaiata* e o plural *Hekaiat* com a significação do dito agudo, ocorrência feliz, ação ou pilhéria digna de chamar a atenção; e derivada do verbo *Haka*, conversar, falar, dizer, narrar; cujo passivo, como se sabe, é palavra consagrada no princípio de qualquer narrativa.

Eis algumas características gerais da fala dos *sefardim* do Marrocos — palavras de origem francesa são raras; não existem italianismos no vocabulário em função do pouco contato entre o norte da África e a Itália; e por fim, a influência religiosa do hebraico, aramaico e árabe, língua utilizada pelos judeus para se comunicarem com seus vizinhos muçulmanos.

## 2. Por que *hakitia*?

Os judeus *sefardim*, séculos atrás, experimentaram uma situação de isolamento absoluto, se comparados com seus patrícios de outras regiões. Era um isolamento social, cultural e lingüístico. Criaram, então, formas especiais de falar, seja por particularidades culturais ou por autodefesa, a fim de se comunicarem sem serem compreendidos por não-judeus.

Wexler (1981: 27) propõe três razões para o surgimento das chamadas línguas judaicas:

1. Segregação: os judeus não adquiriram as normas dos dialetos não judaicos coterritoriais por causa da exposição limitada à sociedade não judaica. Como resultado, eles podiam não seguir normas não judaicas de padronização. Suas línguas, cortadas das inovações lingüísticas que afetavam os falantes não judeus, se tornavam arcaicas;
2. separatismo religioso: o judaísmo encorajaria o uso do hebraico e do aramaico e apresentaria relativo fechamento para com os termos da língua nativa que denotassem conceitos religiosos não judaicos e línguas litúrgicas não judaicas;
- e 3. migrações: com a perseguição, a expulsão, aumentou a probabilidade de os judeus ficarem mais largamente expostos a dialetos heterogêneos e a línguas estrangeiras do que a população não judaica relativamente mais sedentária.

Enquanto alguns desses fatores acima influenciaram no desenvolvimento dum idioma judaico, eles não induzem o nascimento de uma variante judaica distintiva. A maioria das línguas judaicas foram criadas quando os judeus tiveram acesso a normas lingüísticas não-judaicas e foram familiarizados com elas. As línguas judaicas são



consideradas derivadas das línguas coterritoriais cognatas, com subsequente acréscimo do superestrato hebraico-aramaico e outros componentes geolingüísticos.

Para Bentes (1981: 75):

1. A conveniência para os judeus ibéricos, de entenderem-se uns com os outros sem perigo de sê-lo por estranhos, mouros ou cristãos, em tempos em que todos os meios de defesa eram poucos para preservar-se de perseguições e atropelos. Isto seria confirmado pela própria decadência e gradual desaparecimento da *hakitía*, à medida que com a crescente civilização e respeito pelos direitos humanos, vai crescendo o sossego e a confiança do judeu hispano-marroquino; 2. o afastamento da terra pátria, alheamento que forçosamente fez obliterar e esquecer, pouco a pouco, grande quantidade de vocábulos castelhanos e surgir a necessidade de recompletá-los ou substituí-los sucessivamente por outros de língua árabe ou hebréia; e 3. a distância cada vez maior em tempo, espaço, educação e costumes entre os judeus expulsos e os espanhóis, seria a natural aspiração de possuir um idioma próprio para entender-se, reconhecer-se uns aos outros, e para não confundir-se, nem serem confundidos com seus correligionários de fala arábica.

Em virtude das contínuas viagens entre as comunidades das distintas zonas peninsulares, e também à sua vinculação à administração real, a maioria deles conhecia e falava o castelhano mesmo antes da expulsão, pois a fixação dos judeus na Península Ibérica data dos primeiros séculos da Era Cristã. Certamente, a fala de Castela e Andaluzia, de maior prestígio sociocultural da época, tendeu a impor-se entre os judeus espanhóis, embora esses também conhecessem e empregassem as variantes locais de suas comunidades, como o galego, mirandês, castelhano, catalão, aragonês, basco, asturiano, leonês entre tantas.

É importante ressaltar que entre os *sefardim* não se fixou uma norma lingüística unificada, e que suas línguas seguiram evoluções independentes da normalização operada na Península. As relações com a ex-pátria tornaram-se escassas, e os *sefardim* ficaram isolados num entorno que não se falava o castelhano, senão outros idiomas, como árabe, turco, grego, italiano, francês, entre outras. Este progressivo isolamento produziu também uma divisão do mundo *sefardita* em dois partidos lingüísticos — o do Mediterrâneo ocidental (*ladino*) e o do norte da África (*hakitía*), nos quais as línguas evoluíram de maneira diferente.

Religiosos *sefardim* passaram para o *ladino* centenas de páginas que continham preces e escritos judaicos; o primeiro documento impresso apareceu em Constantinopla, no



ano de 1510, já na *hakitía* é improvável que haja um lugar e uma data tão precisa de documentos vazados nessa variante lingüística judaico-românica, pois essa era considerada uma fala de comunicação estritamente oral e popular, sem finalidade religiosa.

Os israelitas, mais que qualquer outra etnia, estiveram presentes em todos os continentes de maneira expressiva, cerca de sete milhões deles, de uma população total de treze milhões, mudaram da Europa, norte africano e Oriente Médio para as américas. Os *sefardim* fixaram residência na América do Sul por dominarem o ladino e a *hakitía*, idiomas próximos do castelhano. Desconhecendo a proximidade com o português, poucas famílias *sefardim* optaram pela Amazônia brasileira.

O retorno dos expatriados à Espanha, expulsos em 1492, fez com que o rei Juan Carlos declarasse, em 31 de março de 1992, comemorando os 500 anos do Édito dos reis Isabel e Fernando: “Se a Espanha expulsou os judeus, eles [os judeus] não expulsaram a Espanha de seus corações e nem de suas almas”. E por notório reconhecimento tiveram direito à cidadania espanhola novamente.

### **3. Quando começou a ser falada a *hakitía*?**

No desfecho da Idade Média (1453), num ambiente permeado pela ideologia religiosa intolerante e por interesses político-econômicos tenebrosos milhares de crianças, mulheres, idosos e homens judeus foram expulsos da Espanha e obrigados a ficarem órfãos da pátria na qual nasceram, cresceram e ajudaram a construir e desenvolver. Após a queda do reino de Granada, os reis cristãos puseram fim à existência dos judeus no território Ibérico. Um adendo, tanto no âmbito cívico quanto militar os judeus sempre foram responsáveis e patriotas em seus afazeres e préstimos à Coroa espanhola; mas sob o pretexto de que os judeus eram uma ameaça à paz pública já que aumentavam o contingente estrangeiro, e isso poderia desencadear uma miséria coletiva; por serem ávidos praticantes do pecado da usura e a influência nefasta desse povo sobre a sociedade cristã, os judeus foram expulsos da Península Ibérica no século XV.

No entretanto, receberam acolhida da dinastia dos Banu Marin no Império Otomano. Essa dinastia foi complacente com os judeus a ponto de lhes dar proteção, mas essa segurança implicava no pagamento de impostos. Outra curiosidade é que os judeus não serviam às armas e gozavam de liberdade intelectual, judicial e religiosa e a maioria dos





historiadores israelenses enfatiza que no Marrocos os israelitas tinham relativa autonomia. Estabeleceram de forma independente seus próprios conselhos assim como suas próprias instituições jurídicas, ficando apenas aos cuidados da legislação muçulmana os casos de delitos criminais. Fora isso, os judeus tinham voz e vez.

Os judeus não formavam uma comunidade compacta e pacífica. Muitos conflitos foram travados entre eles em terras otomanas. Os protagonistas do “show” eram os membros da comunidade dos “forasteiros” e os da comunidade dos “residentes”. No Marrocos houve o encontro dos “judeus luso-hispânicos, forasteiros”, conhecidos como *megorashim* com os “judeus residentes”, *toshabim*.

Benchimol (1998: 30) comenta:

Os expulsos – *megorachim* trazem consigo a língua castelhana, sua ciência, suas instituições comunitárias, usos e costumes, seu espírito empreendedor, que fazem deles em relação aos *tochabim* – judeus nativos, moradores e autóctones – um grupo social dominante: a elite cultural e a burguesia dos notáveis que desempenharão um grande papel nos domínios do comércio, das finanças e da diplomacia.

Os judeus luso-hispânicos trouxeram consigo a medicina, a cultura, os modos e o espírito mercantil europeu; quer dizer, estavam em vantagem em comparação aos judeus de Casablanca, Tânger, Tétouan, Chauen, Arzila, Alcácer-Quibir, Laraxe, Ceuta e Melilha que eram, financeiramente, humildes e não tinham acesso à educação, daí o ciúme e a sensação de impotência por parte dos judeus da costa marroquina do Mediterrâneo.

Os hakítico-falantes se esforçaram por conservar sua língua em meio dos arabófonos. Esse empenho de conservação deu certo e a *hakitía* está na boca dos judeus da África setentrional até hoje. Foi nesse contexto que a *hakitía* começou a ganhar independência lingüística; não era mais um crioulo e muito menos um *pidgin*. Indubitável é que parte do vocabulário foi beber na rica fonte da língua árabe.

A *hakitía* passou por momentos críticos; tombou, mas não caiu. A razão deste feito, segundo Levy (1993), é de que os judeus são muito tradicionais e conservadores em qualquer forma de vida coletivamente fixada. Isto se deve, talvez, à questão de a *hakitía* ser, para os judeus do Marrocos, um marcador de identidade e singularidade frente à população arabófona tanto judaica quanto muçulmana.

Por fim, a *hakitía* acaba de se constituir num veículo lingüístico comum a uma parcela de judeus procedentes da Espanha e de Portugal.



A trajetória histórica dessa língua pode ser dividida em dois grandes períodos que assim está organizada, segundo Sephiha (1980: 47):

1. De 1492 até 1860: este período se caracteriza por certa continuidade com relação ao espanhol medieval; *caja* (caixa) e *casa* (lar) se pronunciavam como [ˈkaja] e [ˈkaza], por exemplo.
2. De 1860 até a redução dos falantes da *hakítia*: este período foi marcado pela ocupação espanhola de Tetuan em 1860. Os *hakítico*-falantes e especificamente a classe economicamente dominante tentaram imitar os hábitos lingüísticos e a pronúncia espanhola do século XIX. Este período é onde a Espanha tem interesse de “intervir” no Marrocos mediante empresas econômicas e colonizadoras. Contudo, todos estes esforços tiveram apenas um pequeno êxito lingüístico, e sua influência se reduz a modestas mudanças fonético-lexicais da *hakítia*.

#### 4. Onde e quem fala a *hakítia*?

Comparado ao que foi, os falantes da *hakítia* são poucos nos dias atuais e os proficientes moram no Marrocos, Israel, EUA, Canadá, Argentina, Venezuela, Espanha, França e Brasil. Os centros mais desenvolvidos que se dedicam ao estudo da *hakítia* são Nova York, Israel, Turquia, França, Bélgica e Espanha.

É difícil estimar o número de *hakítico*-falantes espalhados nos três continentes. Os jovens consideram antiquado falar a língua em público, já os idosos a têm como patrimônio ontológico israelita. A *hakítia* é historicamente oral, portanto, está sujeita às intempéries diatópicas, diastráticas e diafásicas da sociolingüística, ou seja, a *hakítia* que se fala na Amazônia é ligeiramente diferente, em alguns aspectos, da falada em Israel, por exemplo.

Sempre posta em segundo plano frente ao ladino, esse goza de maior prestígio por, no mínimo, dois fatores: 1. Os falantes do ladino imigraram para importantes centros da Europa e ampliaram os horizontes semânticos do idioma com empréstimos de mais de duas línguas de famílias diferentes; já os *hakítico*-falantes ficaram basicamente domiciliados ao norte da África. Os ladino-falantes, pela própria disposição geográfica em que se encontravam, administraram com mais sucesso seus negócios do que seus compatriotas; afinal, uma língua social, político e economicamente forte possui maior prestígio do que outra cujos falantes mal têm acesso à educação. Veja, por exemplo, o caso do inglês, alemão, francês, italiano e espanhol; e 2. O ladino sempre foi escrito; língua em que se vazavam os textos religiosos do judaísmo. Línguas escritas têm história, estão registradas; a *hakítia* não saiu da adolescência lingüística; transmitida de geração em geração, não existe





quase nada grafado e o que está escrito, ora é no alfabeto latino ora no alfabeto hebraico. Além do que o que se pode ler, no máximo, são cartas e alguns minguados documentos.

## 5. Excerto de carta em hakitía

“Mamá, mi vida, que el Dio te hadee y nunca me faltés. Más negro que un carbón sería mi mazal si no te tuviera a ti para oír mis caarás.

Ahora te hago el cuento de lo que há passado el Shabat. Go por mi. La dafina me salió shebda y Ferazmal levantó un guerús [...]. Ya sabes como lo cevo que se há hecho un Barragan. Mahalea babá y sus hijos hasta erutar y le digo, calzeando, — berahah y provecho —. Pero dáca que no hago como le gusta y lo estoy matando de hambre” [...].

### 5.1. Tradução da carta em hakitía

“Mamãe, minha vida, que Deus te abençoe e nunca me deixe de ouvir. Eu seria infeliz se não tivesse a ti para escutar meus problemas.

Vou contar o que houve no sábado. Coitada de mim. A comida ficou horrível e, fora esse mal, foi uma confusão [...]. A senhora sabe como o trato bem, ele está gordo, um barrigão. Papai comeu com os meninos, arrotou e depois lhe disse, ironizando, — bom apetite —. Caso não faça como ele gosta, dirá que estou lhe matando de fome” [...].

### 5.2. Alguns adágios em hakitía

1. *Ai que bien melda tu sharut.*

Como é bom quando teu filho ora.

2. *Saquenme desta guachlás que no me aguento mas.*

Tirem-me esta carga inoportuna que não agüento mais.

3. *Dio te lo bendiga!*

Que Deus te abençoe!

4. *El sachen se quedó con la chala de açafrañ.*

O homem fica com o rosto pálido.

5. *Ferazmal!*

Afasta-te do mal!

6. *Mechorado 120 años y buenos y que yo pueda mirar quando lo completes con refuá shelemá.*



Que eu chegue aos 120 anos com felicidade, saúde e paz.

7. *Non me vai a caparito.*

Não faça coisa errada que te traga dano.

8. *Onde pongas la mano haiés provecho.*

Onde puseres as mãos, tenhas sucesso.

9. *Por maót hasta el perro baila.*

Por dinheiro até o cachorro dança.

10. *Quien cambia de lugar, cambia de mazál!*

Quem muda de lugar, muda de sorte!

11. *Se nos olviden las guezzerot nunca mas.*

Que o mal nos esqueça e as desgraças nunca mais.

12. *Trecha de tu madre te cambiô la vida.*

A surra de tua mãe mudou tua vida.

## 6. Considerações finais

O assunto da *hakitía* é de domínio público tanto para judeus *sefardim* quanto para *ashkenazim*, e durante muitos séculos a *hakitía* não só representou aos judeus marroquinos, como também sua própria identidade e o orgulho de sua ascendência *sefardita*. A *hakitía* sofreu uma grande perda de falantes para o francês em razão das escolas da Aliança Israelita Universal no Marrocos; os mais jovens pensavam que se comunicar em *hakitía* era coisa de analfabeto e idoso. Passaram ter certa rejeição pela língua, o que produziu fortes barreiras sociais entre os que a falavam e os que negavam conhecê-la, mesmo sabendo que é parte de sua cultura e de seu passado.

Ainda que alguns sustentem que hoje em dia a *hakitía* esteja em desaparecimento, nas últimas décadas se evidencia em alguns países o estudo, o uso e a preservação da língua desejando um retorno a este idioma como símbolo representativo de nossos antepassados e como respeito aos nossos costumes. A *hakitía* é essencialmente oral, o que traduz a modéstia de documentos oficiais ou religiosos na escrita.

Apesar de a língua não possuir um território definido e de só a USP — através do Centro de Estudos Judaicos — ser referência nos 22 países que englobam a América Latina, em hebraico, não existe um centro de pesquisa e informação no Brasil exclusivamente destinado aos estudos da *hakitía*; mesmo assim, ainda há o esforço de raras



vozes que clamam no deserto, a fim de perseverar na coleta das escassas informações dessa linguagem tão rica em expressões que variam da singeleza dum Shalom a mais eloqüente oração ao Eterno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Manaus: Ed. Valer, 1998.
- BENTES, Abraham Ramiro. *Os sefardim e a bakitia*. Belém: Mitograph, 1981.
- CORDEIRO, Helio Daniel. *Judaísmo sefarad: uma arqueologia cultural*. São Paulo: Capital/Sefarad Editorial, 1997.
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1985.
- LEVY, Mishel. *Em ladino*. São Paulo: Edicon, 1993.
- JUDEUS. **Chamada geral**, Santarém: Rádio Rural, 31 mar. 1992.
- SEPHIHA, Haïm Vidal. Le judeo espagnol au Maroc. In: IFRAH, Albert. *Juifs du Maroc (Identité et dialogue)*. Grenoble: Pensée Sauvage, 1980.
- WEXLER, Philip. Jewish Interlinguistics: facts and conceptual framework. *Language*, v. 57, n. 1, 1981.